



Alexandre Antônio doa há mais de 20 anos na instituição



A bibliotecária Creuza se sente renovada quando faz doação de plaquetas

INCA tem doadores de sangue e plaquetas fiéis desde a década de 1990

Um ato de amor, solidariedade e agradecimento. Essas foram as principais motivações para doar sangue e plaquetas reveladas por alguns dos mais antigos doadores do INCA. Em 14 de junho é comemorado o Dia Mundial do Doador de Sangue, mas para essas pessoas salvar vidas é um hábito adotado o ano todo.

Como é o caso do comerciante Alexandre Antônio dos Santos, de 51 anos, morador da Glória. "Comecei em 2000, ou seja, há 22 anos, mas se eu continuar por mais 22 não vai retribuir o que o INCA faz. O meu pai, por exemplo, foi paciente da instituição e muito bem tratado quando desenvolveu um tumor. Incentivo todos a contribuírem".

René Bérenger, de 40 anos, é engenheiro e morador do bairro da Lagoa. Ele começou a doar aos 18. O que mais o estimulou, na época, foi ajudar a quem precisava. Pouco tempo depois, ele percebeu que aquela atitude mantinha sua própria saúde em dia. "Afinal de contas, só podemos doar aquilo que temos de bom. Eu sigo as orientações dos médicos do INCA. As doações são importantes para manter os tratamentos e cirurgias do SUS [Sistema Único de Saúde], não só para o Instituto. A falta de insumos hematológicos pode

atrasar os tratamentos e causar redução no número de pessoas atendidas".

Gratidão por fazer o bem

O empresário Ricardo José Soares dos Santos, 57 anos, também morador da Lagoa, doou pela primeira vez em 1998 para ajudar uma amiga e não parou mais. "Gostei e comecei a doar regularmente. Adoro pensar que posso fazer a diferença na vida de alguém. Sempre que me agradecem pela doação, eu agradeço a Deus por ser doador".

Quando um tio precisou ser internado, o auxiliar de escritório Jorge Henrique Duarte, 54 anos, já doava sangue esporadicamente, mas, após ver mais de perto a necessidade dos pacientes, ele se tornou mais assíduo. O morador do Alto da Boa Vista doa mensalmente (plaquetas podem ser doadas em intervalos menores que sangue). "É de fundamental importância. Infelizmente, a quantidade de doadores ainda é pequena. Existe um aumento quando há divulgação na mídia, mas faltam doadores regulares. As pessoas precisam sentir mais o que o paciente e seus familiares estão passando. Se colocar na posição deles".